



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/06/2026 e 18/06/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHES de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
12/06/2026	11,13	301,30	74,28	5,84	4,12
15/06/2026	11,19	302,00	74,37	5,89	4,15
16/06/2026	11,30	304,80	72,92	5,96	4,13
17/06/2026	11,32	304,80	71,54	6,12	4,21
18/06/2026	11,22	301,30	69,69	6,05	4,17
Média	11,23	302,84	72,56	5,97	4,16

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	114,00	
RS – Não Me Toque	114,00	
PR – Pato Branco	114,00	
PR – M.C.Rondon	111,00	
MT – C.N.Parecis	102,00	
MS – Maracaju	112,00	
GO - Rio Verde	111,00	
BA – L.E.Magalhães	112,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	61,50	CIF
Porto de Paranaguá	68,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	58,00	
SC – Rio do Sul	60,00	
PR – M.C.Rondon	49,00	
PR – Pato Branco	56,00	
MT – C.N.Parecis	42,00	
MS – Maracaju	52,00	
SP – Itapetininga	59,00	
SP – Campinas	63,00	CIF
GO – Rio Verde	50,00	
GO – Jataí	50,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	69,00	
PR – Pato Branco	71,00	
PR – M.C.Rondon	70,00	

Período: 17/06/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 18/06/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	58,91	115,36	67,94

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
18/06/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	57,29
Feijão (saco 60 Kg)	182,20
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,31
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,51**
Boi gordo (Kg vivo)*	12,22

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Abril/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Em Chicago, as cotações da soja, após despencarem a partir do dia 02/06, quando o bushel chegou a US\$ 11,13 nos dias 09 e 12 (a mais baixa cotação desde o dia 09/02/26), ensaiaram uma recuperação nesta semana, com o bushel alcançando US\$ 11,32 no dia 17/06, para o primeiro mês cotado. Já o fechamento desta quinta-feira (18) ficou em US\$ 11,22/bushel, contra US\$ 11,15 uma semana antes. Além da possibilidade de um acordo de cessar-fogo na guerra do Oriente Médio, o mercado esteve pressionado pelo clima positivo nos EUA, para a nova safra, e de olho nos juros daquele país. A manutenção do juro básico em 3,5% a 3,75% aa por lá leva muitos investidores, que esperavam um aumento nos mesmos, a buscarem comprar contratos de commodities, dentre eles o de soja, o que faz o bushel subir de valor. Além disso, houve rumores de que a China estaria para comprar soja dos EUA, novamente. Lembrando, ainda, que no dia 30/06 teremos o relatório de área final semeada nos EUA, o que poderá definir a tendência das cotações para julho.

Por outro lado, o plantio da soja nos EUA, até o dia 14/06, atingia a 95% da área prevista, contra 93% na média. Do total semeado, 88% das lavouras estavam germinadas. Soma-se a isso o fato de que a qualidade das lavouras melhorou na semana, com 66% das mesmas estando entre boas a excelentes, após recuarem para 65% na semana anterior. Outros 28% das lavouras estavam regulares e 6% ruins ou muito ruins.

Dito isso, na semana encerrada em 11 de junho, os EUA embarcaram 522.687 toneladas de soja, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial o volume embarcado totaliza 36,6 milhões de toneladas, ainda 20% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Já a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA informou que o esmagamento de soja no país, em maio, atingiu a 5,68 milhões de toneladas da oleaginosa, enquanto a projeção do mercado era de 5,77 milhões. Apesar de ficar abaixo do esperado, o volume é 8% maior do que no mesmo mês de 2025. Enquanto isso, os estoques de óleo de soja nos Estados Unidos estavam em 1,74 bilhão de libras, sendo 26% maiores do que um ano atrás.

Por sua vez, o acordo entre os EUA e o Irã para o término da guerra, que parece finalmente se consolidar, é positivo para os mercados e a economia mundial. Se ele for mantido, o mercado terá mais estabilidade a partir de agora, embora possa haver recuo nos valores da soja devido ao recuo nos preços do óleo de soja em Chicago, puxados pelo recuo nas cotações mundiais do petróleo. Tanto é verdade que o fechamento do óleo de soja, em Chicago, no dia 18/06, ficou em 69,69 centavos de dólar por libra-peso, rompendo o piso dos 70,00 centavos pela primeira vez desde o dia 20 de abril passado. Todavia, por enquanto, a volatilidade do mercado não foi totalmente eliminada, pois há dúvidas quanto a eficácia do acordo.

Soma-se a isso as especulações climáticas sobre a safra dos EUA, pois as tendências indicariam, para julho, um clima um pouco mais seco nas regiões produtoras de soja daquele país.

Enfim, no Brasil o mercado se mantém estável, com o câmbio girando entre R\$ 5,05 e R\$ 5,15 por dólar durante a semana. Assim, os preços, nas principais praças gaúchas, ficaram em R\$ 114,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais os mesmos giraram entre R\$ 102,00 e R\$ 114,00/saco.

Dito isso, a Conab, em seu boletim mensal de junho, trouxe a safra brasileira de 2025/26 para 180,2 milhões de toneladas, contra 171,5 milhões um ano antes. Isso representa um aumento de 5,1%. O Rio Grande do Sul, às voltas com nova estiagem, acabou colhendo 18,6 milhões de toneladas, contra 16,6 milhões no ano anterior, destacando que outras entidades gaúchas (Emater e iniciativa privada) avançam pouco mais de 13 milhões de toneladas colhidas no ano anterior. Segundo, ainda, a Conab, a produtividade média brasileira ficou em 61,9 sacos/hectare em 2025/26, enquanto a gaúcha atingiu a apenas 46,2 sacos.

Enfim, a exportação brasileira total de soja, em junho, está estimada em 15,3 milhões de toneladas segundo a Anec. Se confirmados, tais embarques cresceriam 1,5 milhão de toneladas em relação a junho do ano anterior.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram um pouco nesta semana, fechando a quinta-feira (18) em US\$ 4,17/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 4,11 uma semana antes. Lembrando que no dia 17/06 o bushel chegou a bater em US\$ 4,21.

Dito isso, o plantio do milho nos EUA está encerrado, com 94% das lavouras germinadas em 14/06. Em termos da qualidade das lavouras, na mesma data, 68% das mesmas estavam entre boas a excelentes, contra 72% no ano anterior. Outros 28% estavam regulares e 6% entre ruins a muito ruins.

Já os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 11 de junho, atingiram a 1,6 milhão de toneladas. Com isso, no atual ano comercial os EUA exportaram 65,6 milhões de toneladas, superando em 26% o total realizado na mesma época do ano anterior.

E aqui no Brasil os preços começam a sofrer pressão da colheita da safrinha. No interior gaúcho, as principais praças mantiveram os R\$ 58,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilaram, nesta semana, entre R\$ 42,00 e R\$ 60,00/saco. Já na B3, os valores chegavam a R\$ 63,97/saco para julho, R\$ 66,97 para setembro e R\$ 73,44/saco para janeiro/27.

A colheita da segunda safra, até o dia 11/06, chegava a 8,4% da área no Centro-Sul brasileiro, contra 5,2% no mesmo período do ano anterior (cf. AgRural). Especificamente no Mato Grosso, a mesma atingia a 11,3%, contra 7,2% no ano anterior e 13,4% na média histórica (cf. Imea).

O relatório de junho, da Conab, aponta uma safrinha nacional em 107,9 milhões de toneladas, contra 113,2 milhões no ano anterior, e uma safra total de milho em 140,5 milhões de toneladas para 2025/26, contra 141,2 milhões no ano anterior e apenas

115,5 milhões de toneladas em 2023/24. A produtividade média nacional seria de 103,7 sacos/hectare na atual safra.

Especificamente no Mato Grosso, a Conab indica uma safra de 54,6 milhões de toneladas, enquanto o Imea aponta 53,4 milhões. Neste último caso, 3,8% abaixo do recorde registrado no ano anterior.

Enfim, nos nove primeiros dias úteis de junho o Brasil exportou 265.162 toneladas de milho, representando uma média diária 59,5% acima da média de junho de 2025. O preço médio obtido pela exportação brasileira, nestes dias de junho, está 7,9% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior, ficando em US\$ 232,40/tonelada.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, considerando o primeiro mês cotado, após 10 dias úteis abaixo dos US\$ 6,00/bushel, voltaram a romper este teto, atingindo a US\$ 6,12 no dia 17/06. Já o fechamento do dia 18 (quinta-feira) ficou em US\$ 6,05/bushel, contra US\$ 5,86 uma semana antes.

Nos EUA, o trigo de inverno, até o dia 14/06, estava colhido em 25% da área total, contra 13% um ano antes. Ao mesmo tempo, 45% do que restava colher estava em condições entre ruins a muito ruins, 28% regulares e 27% entre boas a excelentes. Já o trigo de primavera estava com 95% das lavouras germinadas, contra 89% na média, com 55% das lavouras em condições entre boas a excelentes.

Pelo lado das exportações, os EUA, na semana encerrada em 11/06, exportaram 334.292 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. O total embarcado no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, soma 554.075 toneladas, ou seja, 6% a menos do que em igual momento do ano anterior.

Além do clima e da entrada da nova safra no hemisfério norte, o mercado acompanha a Argentina e seu plantio, já que o vizinho país espera colher 21 milhões de toneladas nesta nova safra. Lembrando que o atual foco dos importadores brasileiros é quanto a qualidade do trigo argentino, pois esta baixou nos últimos anos, com o produto apresentando menor teor de proteína. Esta é fundamental para a produção de farinhas destinadas à panificação. Com isso, o país pode ter que aumentar importações de outras origens, tais como EUA e Rússia, além da União Europeia. O problema no trigo argentino pode melhorar as condições de mercado para o trigo brasileiro, desde que o mesmo tenha melhores padrões tecnológicos.

Dito isso, no início da semana o plantio nacional atingia a 59,5% da área esperada, contra a média histórica de 52,7% para a data. Até o dia 12/06 o plantio estava concluído em São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, seguido por Goiás (99%), Paraná (78%), Bahia (60%), Rio Grande do Sul (36%) e Santa Catarina (6,3%). Das áreas semeadas, 30,6% ainda estavam em emergência, 58,2% se encontravam em desenvolvimento vegetativo, 7,8% em floração, 2,2% em enchimento de grãos e 1,2% já estava em maturação.

É importante destacar que, segundo o relatório de junho da Conab, a produção total brasileira para 2026 está estimada em 6,3 milhões de toneladas, contra 7,9 milhões em 2025. Ou seja, um recuo de 20,2%. O Rio Grande do Sul colheria 2,7 milhões de toneladas, com recuo de 24,5% em relação ao ano anterior, enquanto o Paraná chegaria a 2,2 milhões de toneladas, perdendo 20,6% sobre o produzido no ano anterior. A produtividade média esperada no Brasil é de 49,6 sacos/hectare, contra 53,6 sacos um ano antes.

Enquanto isso, durante a semana, no Rio Grande do Sul, foram negociados pequenos lotes de trigo ao preço de “R\$ 1.350,00/tonelada, com embarque em julho e pagamento no início de agosto. Os moinhos resistem a alongar posições porque a baixa moagem já mantém os estoques elevados. Junho está totalmente coberto, enquanto julho teria cobertura estimada em 60%. Contrariando a Conab, cooperativas do centro e noroeste do estado gaúcho falam, sem confirmação oficial, uma possível redução de até 40% na área semeada com trigo neste ano. Já em Santa Catarina ocorreram negócios isolados de trigo-pão a R\$ 1.360,00/tonelada FOB e de trigo melhorador a R\$ 1.400,00/tonelada FOB, abaixo do custo do produto importado. E no Paraná, o mercado seguiu parado, com negócios a R\$ 1.420,00/tonelada CIF nos Campos Gerais e R\$ 1.480,00 CIF no Norte. O trigo branqueador permanece próximo de R\$ 1.450,00/tonelada FOB. Para a safra nova, as referências variam de R\$ 1.320,00 a R\$ 1.350,00/tonelada FOB. Já o trigo argentino nacionalizado avançou para US\$ 300,00 por tonelada, porém, sem oferta concreta na semana” (cf. TF Agronômica).